**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Os Fiéis Defuntos - 02-novembro)*

**«NADA SE *ANIQUILA*, TUDO SE *TRANSFORMA*»**

A fé cristã nos ensina que o percurso da nossa vida é infindável, não admite final, embora tenha de passar por alguma “metamorfose”. Quantas vezes penso naquele *princípio universal* da «ciência termodinâmica», aplicado ao mundo da *matéria* e da física, mas que parece ter uma outra confirmação mais original nesta *nossa dimensão* do mundo *imaterial*: «Nada se “cria” e nada se “aniquila”, tudo se transforma»!…

E aquela mesma fé cristã nos informa e avisa de algo que, por sua vez, parece lógico: Existe uma fase ou estado intermédio, nesse mesmo percurso infinito da nossa vida, onde deverá acontecer – quando necessário – uma espécie “de purificação, ou de poda, ou de higiene, ou…”, que ajude a regenerar e revitalizar essa vida que deve continuar *numa outra dimensão..*. O povo simples (*“os pequeninos”* do Evangelho) chama “Purgatório” a este estado transitório, embora a denominação é também acidental. Em todo o caso, a intuição do povo *pressentiu* sempre esse espaço de tempo (quando “o tempo” já não existe - cá está um outro mistério!) onde *as almas* *(as “pessoas”)* ficam como que “retidas” até concluir a sua *regeneração*… Porque, *“nada se aniquila, tudo se transforma!”.*

É compreensível que aqueles outros que se julgam *“sábios e inteligentes”* não sejam capazes de entender e aceitar estas realidades, talvez pelo facto de estar envolvidas por esse ambiente de morte, que, aliás, a todos nos atinge naturalmente. O Evangelho de hoje proclama nitidamente: *“«Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado…»”(Mt 11).* E, como se vê, é o próprio Jesus que bendiz o Pai, cheio de alegria, pelo facto de as coisas serem assim e não ao invés. É que, desse modo, ninguém pode acusar a Deus de revelar as suas verdades só a quem «está bem preparado», ficando assim *vedadas* e *veladas* para muitos, incapazes de atingir aqueles “níveis de sabedoria ou inteligência”. Mas o Pai Deus aproxima-se de todos e sempre pelos caminhos mais fáceis, que são os mais *simples e humildes*. E o faz através do seu Filho Jesus: *“«Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e a minha carga é leve»”. (Mt 11 / 3ª L.).*

Voltemo-nos então para Jesus quando – naturalmente – nos aflija o pensamento da morte e esse *estado intermédio* de purificação que a envolve. Agarremo-nos a esse Jesus Salvador que nunca poderá impor algo pesado, mas antes um *“jugo suave e uma carga leve”*.

E confiemos plena e firmemente neste Jesus Redentor, como fazia aquele *santo Job*, ainda em tempos remotos, quando a fé no Além era apenas uma *obscura névoa*. Pois ele, precisamente quando estava a passar pelos momentos mais difíceis de confronto com o cenário da morte, exclama confiado e firme: *“«Eu sei que o meu Redentor está vivo e no último dia Se levantará sobre a terra. Revestido da minha pele, estarei de pé; na minha carne verei a Deus. Eu próprio O verei, meus olhos O hão de contemplar»”. (Jb 19 / 1ª L.).*

Mas hoje, é o apóstolo Paulo – porque enamorado de Jesus e do seu Evangelho – que nos oferece as “chaves de interpretação” desta *pavorosa passagem* pelo túnel de uma morte apenas material (a *“do homem exterior”*)… bem como das etapas anteriores que dela nos aproximam. *“Ainda que em nós o homem exterior se vá arruinando, o homem interior vai-se renovando de dia para dia. Porque a ligeira aflição dum momento prepara-nos, para além de toda e qualquer medida, um peso eterno de glória”.* E, neste caminho da vida, convém não confundirmos as coisas, para dar importância só ao que é importante. *“Não olhamos para as coisas visíveis, olhamos para as invisíveis: as coisas visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas” (2 Cor 4)*. «O essencial é invisível aos olhos» (diria *S. Exupéry*).

 Se tivermos bem claro e firme *o futuro* que nos espera, então, *o presente* (assumindo o *passado*) tem outro sentido e valor. E eis o nosso destino futuro: *“Sabemos, irmãos, que Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos há de ressuscitar com Jesus e nos levará para junto d’Ele”*. Como consequência, já não conseguirá afligir-nos a lenta mas inexorável “desagregação e degradação” da matéria que nos envolve, porque isso vem a ser, apenas, «exigência do guião». *“Bem sabemos que, se esta tenda, que é a nossa morada terrestre, for desfeita, recebemos nos Céus uma habitação eterna, que é obra de Deus e não é feita pela mão dos homens”. (2 Cor 4 / 2ª L.).*

É difícil, Senhor, não obstante a minha fé,

aceitar a realidade crua e dura da morte…

É verdade que proclamo com *o salmista*:

Tu és, Senhor, a minha luz e salvação,

será que eu hei de temer a alguém?

Tu és o protetor da minha vida:

de quem é que eu posso ter medo?...

Uma coisa Te peço, Senhor, por ela anseio:

que eu consiga viver na Tua presença

todos os dias desta minha vida terrena,

para um dia visitar o Teu Santuário

e habitar para sempre na Tua Casa;

para gozar da Tua suavidade, Senhor…

Bem conheces as minhas falhas

e as fraquezas da minha natureza ferida…

Por isso, ó Deus, escuta a voz da minha súplica,

tem compaixão de mim e atende-me:

quero ser forte e confiar em Ti, Senhor.

Tu sabes que também nos momentos difíceis

eu tento procurar a Tua face, meu Deus:

não escondas de mim o Teu rosto…

Eu espero – logo de ultrapassar esse *túnel da morte* –

vir a contemplar a Tua Bondade, Senhor,

precisamente na *Terra dos Vivos*.

*[ do Salmo Responsorial / Sl 26(27) ]*